

OS SABERES ÚTEIS DE JOSÉ PINTO DE AZEREDO NA REDE DE INFORMAÇÕES DO IMPÉRIO ULTRAMARINO PORTUGUÊS.

USEFUL KNOWLEDGE FROM JOSÉ PINTO DE AZEREDO IN THE INFORMATION NETWORK INSIDE PORTUGUESE'S OVERSEAS EMPIRE.

Fernanda Ribeiro Rocha FAGUNDES*

Resumo: Neste artigo pretende-se evidenciar a produção de saberes em língua portuguesa, elaborados pelo físico-mor José Pinto de Azeredo, ao final do século XVIII e princípios do XIX, sob a ótica da História das Ciências Global e Transcontinental. Destaca-se na análise as ideias reelaboradas e circulantes desse ator histórico em regiões como a América portuguesa, Europa e África. Tal circulação se dava em uma conjuntura ilustrada, em que se admitia uma espécie de ciência pragmática. Nesse contexto, o Império Ultramarino mantinha uma rede de conhecimentos úteis, que era constantemente alimentada por várias instituições portuguesas e diversos personagens históricos a ela conectados, que agiam nas mais variadas possessões do além-mar português. As informações circulantes envolviam diversos setores, incluindo os saberes médicos.

Palavra-chave: Redes, Circulação, Saberes, Médicos, Curas.

Abstract: In this essay, we want to show the Portuguese knowledge made by the physician José Pinto de Azeredo in the end of eighteenth century and first part of nineteenth century. We are using the New Global and Transcontinental History of science theory. This paper has underlined José Pinto de Azeredo's ideas, which had been recreated and traveled around Portuguese America, Europe and Africa. This process of ideas circulation happened in a historic moment of the Enlightenment, when a pragmatic science was possible. In that moment, the Portuguese overseas empire kept a useful knowledge network, which was fed by several Portuguese institutions and a lot of history characters who belong to Portugal. These characters could be overseas employees, travelers, physicians, traders who sent a lot of information about several subject including cure's knowledge to Portugal's network.

Key Words: Network, Circulation, Knowledge, Physician, Cure.

Introdução e pressupostos teóricos

José Pinto de Azeredo e suas ideias circularam por três continentes em um contexto ilustrado, em que se percebia que a preocupação com a saúde fazia parte do Império Ultramarino português, do final do século XVIII e princípios do XIX. Nessa conjuntura, Portugal, assim como os outros Impérios do ultramar, manteve uma rede de conhecimentos que cooptava informações úteis em conformidade com a ciência da

* Mestre em História das Ciências e Saúde- doutoranda do Programa de Pós-graduação de História das Ciências e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ. Avenida Brasil 4365, 3º andar, sala 307, CDHS (Centro de Documentação de História da Saúde). CEP. 21040-900, Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista FIOCRUZ. Professora de Ensino Médio, Secretaria Estadual de Educação – RJ. E-mail: fernanda.fagundes2014@yahoo.com (não tem br).

época. A região a qual o referido médico atuou, está localizada na faixa da Congo-Angola e fazia parte de um território geopolítico, com intenso comércio escravista, circulação de pessoas, mercadorias e culturas, onde se realizava uma intensa troca de informações. Sendo assim, pela ótica da História das Ciências Global e Transcontinental, que possibilita uma análise interdisciplinar por meio da história da medicina, história da ciência, da Antropologia, da Sociologia, da História das Ciências e Saúde, pode-se observar a produção de ciência pragmática fora do continente europeu por meio dos saberes desse médico.

Pode-se afirmar que o físico-mor José Pinto de Azeredo, se enquadra como um sujeito histórico, elemento que circulou nas redes de sociabilidades por várias partes do Império Ultramarino português como na América portuguesa, na Europa e na África, e juntamente com este ator histórico circularam ideias relativas à cura das enfermidades, uma preocupação presente no papel dos Estados modernos do final do Século XVIII e início do XIX. Assim como José Pinto de Azeredo circulou, as suas ideias e reelaborações referentes aos conhecimentos de cura circularam por muitas regiões do globo. Sendo um elemento produtor de conhecimentos e promotor de uma ciência adequada aos parâmetros de utilidade e pragmatismo, produzindo saberes médicos em língua portuguesa, segundo a análise da História das Ciências Global e Transcontinental.

Neste artigo pretende-se destacar parte dos saberes produzidos por José Pinto de Azeredo a partir de sua atuação como físico-mor da 1ª Escola Médica de Angola, em 1791, até o momento em que o mesmo retorna para Lisboa em 1797, e posteriormente em 1802 passa a atuar em um hospital em Xabregas. Apontaremos os saberes deste profissional, que recebia influências ilustradas da conjuntura vivida, observando a formação de conhecimento novo por meio dos saberes universais circulantes de domínio de José Pinto de Azeredo, somados e reelaborados com os conhecimentos locais, oriundos dos diversos continentes pelos quais atuou. Identificaremos parte dos saberes produzidos por José Pinto de Azeredo, que foram fundamentais para conjuntura estudada, acreditando que esses alimentavam a rede de conhecimentos do Império Ultramarino português do final do século XVIII e início do século XIX.

A importância dos Estudos Pós-Coloniais para o entendimento da produção de ciência fora da Europa.

José Pinto de Azeredo pode ser considerado um ator histórico essencial ao representar a circulação de informações e a possibilidade de permitir a ciência nos espaços de crioulização ou zona de contato, onde se dá o encontro das culturas, retirando a exclusividade da produção de ciência do continente europeu. O termo crioulização está ligado a uma interpretação metodológica histórico-antropológica, usada por Roquinaldo Ferreira, portanto os *espaços de crioulização* devem ser entendidos como locais em que a cultura crioula reforça os seus códigos culturais. Nesta análise remetemos à 1ª Escola Médica de Angola, de 1791, como esse tipo de espaço, atentando que esta instituição estava sob a gestão de José Pinto de Azeredo no período que vai de 1791 até 1797. Também podemos enquadrá-la como *Zona de Contato*, um termo usado por Kapil Raj (2007), que também por meio da análise histórico-antropológica permitida pela Nova História das Ciências Global e Transcontinental nos remete a lugares onde a ciência pode ser produzida por meio de práticas burocráticas, circulação e negociação. Com essas ideias e o aval da análise da História das Ciências Global e Transcontinental entende-se que a ciência pode ser produzida fora do continente europeu, em lugares como Angola, Moçambique, Goa e Brasil.

A ideia de produzir ciência fora do continente europeu vem dos Estudos Pós-coloniais, pois esse trouxe uma nova perspectiva de análise à História das Ciências, redesenhando os estudos sobre colonialismo e imperialismo, trazendo uma reflexão metodológica sobre a História das Ciências nas ditas periferias. O referido grupo consegue sair da dicotomia centro-periferia, muito difundida até os anos 1960 por Basalla's,¹ que explicava por meio de três estágios a dominação da ciência do ocidente para o resto do mundo, com uma ideia de que a metrópole independente produzia conhecimento válido, e que periferia dependente tinha o conhecimento regulado e controlado, desconsiderando o conhecimento nativo, local, colocando-o como um “conhecimento bruto”, não científico. Com os Estudos Pós-coloniais a História das Ciências passou a observar a ciência moderna em regiões fora da Europa. Tais estudos possibilitaram a identificar as limitações do discurso centro-periferia. Dessa forma, historiadores passaram a usar novos métodos epistemológicos e dimensões sociais do conhecimento para fazer história do mundo moderno. Passou-se a estudar itinerário de viagens individuais, com elos que apontavam a construção de redes entre centros de ciência, considerando o conhecimento como impacto sócio-político no contexto local de onde ele é produzido (PATINIOTIS, 2013, p. 364-367).

Os estudos Pós-coloniais liderado pela literatura indiana nos anos 1980 e 1990 se dedicou ao “Subaltern Group”, trouxe para o ocidente as novas discussões teóricas e historiográficas apontadas acima. Foi no bojo dos anos 1990, que a ciência histórica passou-se apresentar como universal, transnacional e transcultural. O uso do inglês teria aumentado à cooperação internacional entre os historiadores. A Índia teria tomado posição de destaque por ter o inglês como língua oficial no governo e nas ciências, e ser bem representada nas universidades norte-americanas e europeias.

Na segunda metade do século XX ocorreu um fortalecimento da História Universal, ressurgiu uma sociedade de dimensões mundiais após a Guerra Fria. Principalmente após os anos 1990, quando as teorias explicativas de sistema mundial marxistas e antimarxistas de modernização saíram de moda e passaram a existir duas orientações: uma com métodos tradicionais orientado por civilizações, nações e história social e outra com o método científico-cultural, com o uso de novas fontes, métodos da área da biologia evolutiva, pesquisa ambiental, paleontologia, arqueologia, pesquisa linguística e literatura. A segunda orientação ganhou força após os anos 1990, passando a investigar sociedades e culturas, as trocas de matéria prima, víveres e doenças, onde os historiadores ultrapassavam o nacional, preocupando-se com sociedades e culturas além do mundo ocidental (IGGERS, 2010, p. 113-115).

Por isso, apontamos que o aporte teórico desta análise está baseado na corrente historiográfica da Nova História das Ciências Global e Transcontinental, acima descrita, adotando o cabedal teórico de historiadores indianos como Raj (2007), Fan (2012) e Sivasundaram (2010), que analisam com propriedade como se dava a formação do conhecimento, e a sua circulação fora da análise centro-periferia. Existe um novo discurso onde à modernidade e as suas instituições são mais do que emanações pré-existentes de seus centros. Ou seja, as instituições estabelecidas no ultramar, em continentes longínquos como a América portuguesa, África e Ásia, durante a expansão ultramarina produziram ciência por meio da reelaboração de conhecimentos. Estas instituições não eram meras reprodutoras das ideias das nações dominadoras.

Essa modernidade e suas instituições seriam resultado de colisões, compromissos com seus antigos centros e outras regiões, que vieram ser dominadas. Os estudos Pós-Coloniais tiveram uma sensibilidade, que permitiu que a antropologia e as ideias culturais observassem a ciência nos antigos centros e também nas possessões coloniais. A ciência passou a ser vista como uma reconfiguração do conhecimento,

focado na igualdade, no material, no instrumental, na prática social, na política e aspectos cognitivos do conhecimento. Esses novos saberes estão relacionados à inteligência prática, a instrumentos criados em narrativas que demonstram negociação. A ciência passou a ser baseada no julgamento pragmático, no ofício prático.

Apesar de o laboratório ser o loco predominante da produção do conhecimento, muitos estudiosos voltaram a sua atenção para a atividade de fazer conhecimento fora de lugares restritos e segregados (RAJ, 2007, p. 4-14). Fan (2012), assim como Raj (2007), acredita que a história das ciências deve ser observada a partir da perspectiva da História Mundial, onde existe o foco no interesse de continuidade, nas contingências e fluências de pessoas, onde as sociedades migram, comerciam e transmitem conhecimento material desde os tempos imemoriais. Também partindo dos Estudos Pós-Coloniais destaca a expansão da pesquisa científica nas relações entre os impérios e suas possessões coloniais por meio do interesse por viajantes, viagens exploratórias e história natural ao redor do mundo. Muitos historiadores da História das Ciências passam a se interessar em aspectos trans-regionais, interações e padrões, preocupando-se com as inter-relações e transmissão de conhecimentos e outras matérias das ciências através de várias regiões, ao invés de observar a ciência e tecnologia como o produto de uma nação.

As ideias e informações são transmitidas pelas redes que atravessam as culturas, que se tornam pano de fundo para fazer ciência (FAN, 2012, p. 250-252). Ao analisar o pacífico e outras áreas como o Atlântico a ciência se enriqueceu, pois foi possível identificar a ciência em viagens de exploração. Através da análise de construções, navegações e conhecimentos referentes à natureza, nas regiões mais remotas do leste do planeta, equipamentos, tecnologia, agricultura, terras, climas passaram a ter destaque nas análises. E materiais úteis elaborados pelos locais, passaram a ser valorizados, pois passaram a ser encarados como tecnologia e ciência conforme o contexto histórico vivenciado. Muito desses saberes foram reelaborados, pois os nativos locais deram respostas, reagindo ao conhecimento europeu através de suas tradições. Dessa maneira, a ciência deve ser contextualizada historicamente analisando o objeto em diversas direções, usando fontes locais e globais. A ciência deve estar centrada na governança ultramarina, pois os centros de ciência como jardins botânicos, museus, hospitais, escolas dependem de arquivos e materiais culturais, que circularam por redes imperiais. (SIVASUNDARAM, 2010, p. 147,154 e 157).

Na perspectiva da História das Ciências Global e Transcontinental é possível identificar as informações científicas chegando por meio das redes de sociabilidades, sofrendo impacto com as diversas realidades locais do globo, e gerando um conhecimento novo. Essa nova historiografia observa que o conhecimento científico foi feito no espaço global do contexto da expansão europeia, olhando para o papel intercultural, na circulação do conhecimento especializado, que gera a ciência. O local com a cultura especialista gera novos conhecimentos e deve-se levar em consideração os agentes envolvidos na produção do conhecimento, o espaço da inteligência intercultural, o processo ativo de recepção, reconfiguração e circulação de conhecimentos e habilidades, a *zona de contato*, que constrói conhecimento científico (RAJ, 2007, p. 14 e 16).

Dessa forma, José Pinto de Azeredo pode ser enquadrado como um importante elemento de produção, reelaboração e circulação de conhecimentos na perspectiva da História Global e Transcontinental, diante de sua produção e atuação como físico-mor de Luanda e professor da 1ª Escola médica de Angola em 1791, e a sua passagem por Universidades como a de Leiden, Edimburgo, atuação em Lisboa e também no Brasil. Azeredo nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1764. Foi enviado para a Universidade de Leiden onde se graduou em medicina. Concluído o curso, em Lisboa foi nomeado físico-mor do reino de Angola em 1789, com a obrigação de curar e abrir escola médica (WALTER, 1970, p. 14 e 15).

Também interessado na trajetória de Azeredo, Oliveira (2013) acrescenta que antes de entrar para Leiden passou pela Universidade de Edimburgo entre 1786 e 1787. Em 1789, Azeredo esteve no Brasil, recebendo carta de autorização do Protomedicato para o exercício da medicina. Em 1790 tornava-se físico-mor de Angola. Referindo-se a escola médica que abriu em 1791, acrescenta que José Pinto Azeredo teria sido o primeiro professor régio de medicina na África Austral portuguesa, tendo a obrigação de curar o corpo militar do reino e os doentes do hospital da cidade, absorvendo todas essas obrigações por meio de sua nomeação como físico-mor de Angola (OLIVEIRA, 2013, p. 158, 167, 169 e 172).

É possível verificar a atuação de José Pinto de Azeredo, no trecho de seu livro de 1799. Segundo Azeredo:

“...Apesar do contínuo trabalho que me dão os enfermos do Hospital, e da cidade; apesar da efetiva aplicação a que me era precisa para sustentar uma aula de medicina, de que estava encarregado, e que me

roubava uma grande parte do tempo, eu teria nessa ocasião tirado dos meus borrões alguns outros pequenos ensaios, se as enfermidades do país não tivessem me perseguido tanto. Nestes que apresento, não ostento eloquência nem estilo sublime, porque o meu fim é narrar fatos, e analisar fenômenos para se computar o melhor método de curar enfermidades, que é a obrigação do médico. ” (AZEREDO, 1799, p. XV e XVI).

Saberes, produzidos, reelaborados e circulantes entre América Portuguesa, Portugal e África.

Quanto aos saberes produzidos sob a órbita da ilustração, fazendo parte do projeto dos Impérios Ultramarinos com o intuito de melhor administrar suas possessões territoriais, cientistas, funcionários e viajantes contribuíram para sustentar e alimentaram uma rede de informações ao final do século XVIII e princípios do século XIX. Tal rede permitiu ao Estado português conhecer os seus domínios na Europa, Ásia e África nos aspectos dos limites físicos, potencialidades econômicas e territórios administrativos. Nesse recorte de tempo, foram observadas viagens científicas para as possessões do ultramar, o esforço de demarcação das monarquias ibéricas, o controle de tensões político diplomáticas e o estímulo às atividades científicas, inclusive no Brasil.

As informações chegavam de forma sistematizada por meio de memórias, participação de viagens, memórias econômicas, livros. Ambos os registros eram emitidos por governadores, administradores e intendentess. Dessa forma, a coroa portuguesa participava por meio da referida rede de uma renovação cultural de órbita ilustrada, que reformou a Universidade de Coimbra e atingiu a prática médica, permitindo criar instituições como colégios, academia militar, hospitais, buscando o serviço de professores de História Natural para o ensino em instituições, e também financiando viagens científicas para o Brasil, África e Ásia. (DOMINGUES, 2001, p. 824 e 825).

A ilustração ao final do século XVIII era uma realidade mundial. Ela estaria presente no Brasil nas mentalidades da geração ilustrada da Independência. Estudantes brasileiros formados em universidades europeias como Montpellier, Edimburgo, Paris e Estrasburgo, desenvolveram trabalhos ocupando-se com problemas de sua terra, buscando reformas. Então, emergiam estudos empíricos que refletiam a realidade brasileira. Esses homens letrados desenvolveram atividades de pesquisa e exploração, desvendando o interior do Brasil, criando inovações para o progresso material de cunho prático, comum ao momento histórico em que viviam. No século das luzes, esses

homens buscaram liberdade e a realização de sua felicidade em sua terra natal, dando um impulso ao estudo das ciências.

É justamente ao final do século XVIII que ocorreu um impulso para as ciências naturais e mecânicas, além da exaltação do cientista como um homem prático de ação. As ciências naturais teriam sido importantes para a medicina e economia rural. Esses brasileiros ilustrados estavam imbuídos do espírito de procurar ser úteis e promover estudos principalmente para a agricultura. O marquês de Pombal dirigia-se a governadores e capitães gerais das principais capitanias do ultramar estimulando as ciências naturais. Na ocasião, como Portugal estava tendo dificuldades com seus domínios no oriente, provocou uma valorização da natureza tropical no Brasil e essa política teria sido executada pelo vice-rei Marques de Lavradio e por Luís Vasconcelos e Souza. Também, D. Rodrigo de Souza Coutinho, um absolutista ilustrado, teria usado a equipe de bacharéis e cientistas do Brasil para a execução de uma política de renovação da agricultura e introdução de novas técnicas, estimulando assim uma ciência naturalista empírica. Esses estudiosos do Brasil foram aproveitados pela coroa portuguesa para realizar tratados de história natural, memórias técnicas e rurais e missões naturalistas. Uma política de exploração e renovação da agricultura, principalmente, e outros setores de maneira pragmática a serviço do progresso material. (DIAS, 2005, p. 39-41, 44, 55, 69 e 61).

A atuação de governadores alimentando a rede de informações do Império Ultramarino português pode ser representada por D. Miguel Antônio de Melo, governador de Angola no período de 1797 a 1799, que enviava informações úteis a D. Rodrigo de Souza Coutinho, secretário de Estado, em ofício de 2 de julho de 1799. Segundo Melo:

“...do Rio de Janeiro fiz transportar no ano de 1797, na nau Vasco da Gama e em alguns navios mercantes caixotes com a planta em que melhor se cria e nutre a cochonilha, a qual denomina-se entre nós figueira da índia, trazendo separadamente a porção do inseto: reparti-a entre várias pessoas ensinando-lhes o método de a cultivar e beneficiar [...] como por incidente acertei de falar em cochonilha, permita-me vossa excelência licença para dizer que a criado no Rio de Janeiro é muito boa e persuado-me que nada inferior a do México...” (MELO, 1799,p. 232 e 232 verso)

Em sintonia com Dias, Abreu afirma que os médicos luso-brasileiros utilizavam o conhecimento de sua época e articulavam com experiências locais. Evidenciando que a preocupação com a saúde dos povos estava na órbita da ilustração. O marquês de

Pombal propunha medidas que possibilitavam o envio de cirurgiões para expedições de frotas comerciais, a fim de socorrer as províncias. Esses médicos e cirurgiões eram enviados para curar em hospitais de caridade, hospitais militares e ensinar anatomia. Sendo assim, José Pinto Azeredo estaria inserido nessa geração ilustrada, tendo circulado pela Europa, América portuguesa e África usando seus conhecimentos da academia e interagindo como o conhecimento dos locais (ABREU, 2012, p.166).

Interagindo com os locais, na cidade de São Paulo de Assunção de Luanda, José Pinto de Azeredo observa as utilidades da árvore chamada “embondeiro”. Nela o físico-mor destacava que o vegetal além de fornecer resinas, trazendo bálsamos odoríferos, corrigindo a corrupção do ar, também servia para vestimenta, saciar a fome e curar o escorbuto. Segundo Azeredo:

“ A maior parte das árvores em África oferecem quantidade de resinas e bálsamos odoríferos, que corrigem com seus aromas os efeitos da corrupção [do ar] [...] Atendendo ao uso e utilidade com que as árvores se prestam aos colonos e habitantes da conquista, podemos com maior excesso insistir por sua conservação[...] dos poucos e destroçados embondeiros, que existem tira o pobre morador os cordéis para diversos usos [...] a sua mesma casca cobre a nudez do industrioso quissama, e do pobre escravo que não duvida resistir a fome, e ao escorbuto, comendo a sua poupa farinácea dentro de sua síliqua...” (AZEREDO, 1799, p.42 e 43).

Quanto aos saberes reelaborados por José Pinto Azeredo podemos identifica-los em suas obras como “*As enfermidades de D’Angola de 1799*, seus “*Textos de química e botânica*” de 1801 entre outras referências, sobre ele feitas, por capitães gerais e governadores no período em que circulou entre o Brasil, Portugal e África. As localidades visitadas por Azeredo, com a sua cultura especialista, geravam novos conhecimentos. Tais conhecimentos, estavam relacionados com os agentes envolvidos na produção deles. Como o físico-mor Azeredo trazia consigo o seu conhecimento acadêmico junto de sua circulação espacial, acrescentando os impactos dos saberes locais dos quais ele recebia, foi possível a formação de um conhecimento novo, pois ele reelaborava os seus saberes com os saberes dos nativos, curandeiros, barbeiros e auxiliares. No que se refere a esses curadores populares, havia casos de profissionais que poderiam ter autorização através da Fisicatura,² para exercer a prática terapêutica. Ressaltando que os médicos eram considerados profissionais por excelência e que grande parte desses curadores populares não possuíam carta de autorização. Essas eram mais recorrentes na documentação ligada à médicos, boticários e cirurgiões.

É interessante acrescentar que não havia diferenças substanciais nas plantas de uso popular e nas usadas pelos tratamentos prescritos pelos médicos de formação acadêmica. Muitas ervas, raízes, prescritas e cozidas faziam parte do domínio terapêutico de curadores populares quanto dos acadêmicos. Foi muito comum o uso por ambos profissionais da alfazema, do alecrim, da canela e da erva cidreira. Tal utilização de ervas era milenar, sendo referenciada à várias sociedades no Egito, China, Índia, América do Sul e Europa. A criação da imprensa no século XV e sobretudo a expansão ultramarina contribuíram para a difusão dos conhecimentos herboristas e a possibilidade de descoberta de novas drogas vegetais como a quina e a ipeca. (PIMENTA, 1997, p. 66, 84, 114 e 125).

Como afirma Raj, o espaço da inteligência intercultural deve ser estudado na produção da ciência, pois para que ela aconteça ocorre um processo ativo de recepção, reconfiguração e circulação de conhecimentos e habilidades. Esse espaço de contato entre a cultura acadêmica e a local, é chamada *zona de contato*, onde constrói-se o conhecimento científico (RAJ, 2007, p. 16). Os europeus ao tentar impor o seu conhecimento as possessões do ultramar, esbarravam-se com obstáculos locais, tais circunstâncias no ramo da medicina e da tecnologia promoviam a reinvenção.

Dessa forma, a história das possessões ultramarinas deve ser estudada como se fosse uma tapeçaria, que buscou conexões de conhecimentos por todos os lados, onde a cultura das novas terras se atravessaram e mudaram ideias, pelo embate entre diversas tradições de ciências que se encontravam através da circulação (SIVASUNDARAM, 2010, p. 157). Abreu (2012) acrescenta que ao longo do século XVIII, médicos e cirurgiões entraram em contato com culturas populares diversas nos vastos domínios portugueses, incorporando saberes locais, conhecimentos sobre enfermidades que acometiam as mais variadas populações. Apesar do ecletismo na formação dos profissionais ligados a arte de curar, existiu um diálogo entre o saber praticado na Europa e o experimentalismo na medicina. A formação de José Pinto de Azeredo e a sua atuação na arte de curar, demonstrava que a medicina do século XVIII estava baseada entre a teoria e a empiria (ABREU, 2012, p. 163, 166 e 173).

A empiria de José Pinto de Azeredo pode ser observada em sua atuação na região de Luanda por volta de 1791 a 1797, onde foi físico-mor do reino de Angola, curando as tropas e dando aulas de medicina. Tal atuação resultou no livro “Ensaio sobre algumas enfermidades D’Angola”, de 1799. Quanto as suas observações do uso

do ópio para o problema das disenterias, ele deixa evidente a sua análise empírica ao observar o uso do remédio. Azeredo explica:

“... o ópio dado em muitos casos abatem infinitas dores, e este abatimento persiste enquanto duram efeitos do ópio, mas logo que se tem concluído o tempo de sua operação, as dores e mais sintomas tornam a repetir [...] porque a sua causa só foi reprimida pela virtude do remédio. O ópio ainda intempestivamente dado nas disenterias diminui a evacuação, remove as dores, e os tenesmos por muitas horas, mas acabando o tempo de seu efeito todos os sintomas aparecem mais agravantes, porque o remédio não removeu a causa da enfermidade.” (AZEREDO, 1799, p.35)

Quanto à circulação da informação produzida por José Pinto de Azeredo, pode-se caracterizar Azeredo como um ator social importante, agente que promoveu a circulação de saberes médicos em língua portuguesa. Sendo funcionário do ultramar português, atuando como físico-mor, professor da 1ª Escola médica de Angola de 1791, tendo obrigação de curar as tropas, a população e lecionar na região. O seu contato com os três continentes, Europa, América portuguesa e África, permitiram com que o mesmo reelabora-se seus saberes acadêmicos de acordo com os impactos que esses sofriam nas localidades, por onde ele atuou. Assim como outros personagens históricos envolvidos nessa rede de informações, Azeredo produzia o conhecimento útil e eles circulavam para órgãos específicos em Lisboa e regiões ultramarinas.

Em sua obra “Textos de química” de 1801, data em que já se encontrava em Portugal, trabalhando em um Hospital Militar, pode-se verificar a reelaboração de conhecimentos de Azeredo, quanto ao seu contato com os três continentes e experiência adquirida no Brasil, Angola e Portugal. A preocupação com a falta de remédios de botica e com a falha dos “remédios de segredo³”, além do contato com os nativos locais fazia com que Azeredo experimentasse preparações simples com plantas de domínio local, substituindo as mais usuais pelas tradicionais da região, incluindo as de domínio dos negros como a Calumba, a Quassia e o Tamarindo. Segundo Azeredo:

“... A credulidade dos homens tem feito passar de séculos e séculos o uso das mesmas produções e o aumento de outras novas. O pouco conhecimento da natureza dos remédios que se empregam na cura das enfermidades tem introduzido uma multidão enorme de remédios ridículos que tem desacreditado a medicina. Depois disto a multidão inumerável de formas em que se administram os remédios tem feito a arte médica ainda mais imperfeita. É certo que a diferença nas fórmulas dos remédios pode ter uso; mas sempre tem sido com excesso tão ridículo que prejudica mais do que ordinariamente se crê. [...] A combinação e mistura dos medicamentos embaraçam ao médico, demoram ao boticário, retarda o processo de conhecer as enfermidades, e possibilita determinar o preciso efeito de um

medicamento, que está misturado com outro da mesma natureza ou ainda de diversa. Além disso os remédios simples se conservam melhor. [...] A aparência de mistério no procedimento do médico, não só faz suspeitosa a sua arte mas o encaminha a charlataria e impostura que é a mais desgraça da medicina. Desta sorte chega a conduta do médico a aproximar-se do ignorante, cuja fortuna só depende do segredo. (AZEREDO, 1801, p.1 e 2).

Valorizando o uso dos medicamentos simples, José Pinto de Azeredo enumera, em seu manuscrito, “Textos de química”, uma relação de medicamentos a partir de plantas circulantes pelo mundo, muitas delas de domínio tradicional dos nativos locais das regiões por onde ele atuou. E conforme as circunstâncias de cada localidade, ele buscou meios de conter as enfermidades mais frequentes. No caso de Angola, o mais corriqueiro eram as febres e disenterias. Para esse problema listou diversas plantas medicinais de domínio dos negros para substituir a quina, que escasseava com frequência na região. Segundo Azeredo:

“ Calumba é um gênero desconhecido a sua raiz é um fortíssimo amargo. Tem sido pouco uso, mas ela promete ser um fortíssimo tônico próprio para as febres intermitentes. Dela tenho usado nas mesmas febres suprimindo a quina com bom sucesso [...] quassia foi muito usada nas febres fatais de Suriname com feliz sucesso. A também amarga e tônica como a calumba...” (AZEREDO, 1801, p. 16 verso e 25 verso).

Em outro trecho dos “textos de química” Azeredo aponta o tamarindo, muito usado tanto na América portuguesa quanto na África. Segundo Azeredo:

“ Tamarindos são os frutos das árvores chamados por Linneu, tamarindo índico natural do Brasil e da África. As suas poupas formam um ligeiro catártico, e pelo seu ácido abate a cede das febres e queixas inflamatórias. A sua virtude [...] a purga e se aumenta ajuntando-se lhe qualquer dos outros purgantes. Também se recomenda pelo seu ácido para o escorbuto. ” (AZEREDO, 1801, p. 28 verso).

As informações recebidas pelo Império Ultramarino português eram oriundas das diversas partes do além-mar, sendo reunidas de acordo com critérios científicos e sistematizadas em participações de viagens de naturalistas, memórias econômicas e técnicas agrícolas. Todas essas informações eram emitidas por governadores, administradores e intendentess. Os cientistas do final do século XVIII e princípios do XIX acabavam formulando discursos administrativos, e os demais funcionários e agentes envolvidos no processo, sistematizavam as informações oriundas dos três reinos da natureza. Todo esse conjunto de saberes circulavam nas redes de informação por meio de panfletos, livros, avisos, legislação etc. Os conhecimentos eram relativos à aclimação, a racionalização da agricultura, a mineralogia, a indústria e a introdução de

novas técnicas produtivas (DOMINGUES, 2001, p. 824,825 e 829). Essa circulação de conhecimentos médicos no contexto luso-brasileiro atingiu espaços africanos, americanos e também asiáticos e a interlocução entre cientistas sociais e historiadores possibilitaram o uso das perspectivas da História, da Antropologia, da Sociologia, da Ciência Política, da História da Medicina e da História das Ciências e Saúde.

Por meio do trânsito dessas vertentes decifram-se as redes, pois através desses diversos focos pode-se identificar os inventores, as invenções e os atores da inovação no processo de construção do conhecimento. Apesar de Bastos fazer referências à segunda metade do século XIX, essas ideias ainda podiam ser aplicadas ao final do século XVIII e princípios do XIX. Como Domingues (2001) expõe acima. Boa parte dos médicos em algum momento de suas vidas foram funcionários do Império Português, e produtores de conhecimento, elaborando comentários, folhetos, livros que possibilitaram entender como produziam, utilizavam saberes sobre saúde, tratamento, administração do corpo e adaptações aos diferentes climas (BASTOS, 2013, p. 11,12, 25 e 26).

É interessante mencionar Kury, outra historiadora das redes de informações de finais do século XVIII. Ao analisar José Mariano da Conceição Veloso, a autora exemplifica que a sua coleção de memórias sintetizava um conjunto de conhecimentos de diversas bibliotecas estrangeiras, que abordavam o conhecimento da flora brasileira e suas propriedades. As memórias do religioso apontavam que os conhecimentos eram construídos, circulavam se transformando de um grupo a outro, de um continente a outro, entre os jardins da Suécia, matas da América do sul e herbários na Europa. Segundo a autora, as publicações portuguesas envolviam saberes de nativos do novo mundo, africanos, lusos americanos e europeus. (KURY, 2013, p. 270).

Afirma-se que os saberes produzidos por José Pinto de Azeredo foram úteis, e que atuou na 1ª Escola Médica de Luanda, alimentando o Império Ultramarino e evidenciando a referida escola, e outras erguidas posteriormente, como instituições que integraram a necessária rede de conhecimentos, que não era de exclusividade apenas da nação portuguesa. A coroa portuguesa aproveitou de estudiosos brasileiros, que elaboraram tratados de História natural, memórias sobre técnicas rurais, promovendo missões naturalistas, visando uma política de exploração e renovação da agricultura, mineralogia, indústria diante de uma conjuntura ilustrada. Naquela ocasião, promovia-se uma ciência pragmática com o objetivo do progresso material. A ciência fazia parte do projeto político administrativo português do final do século XVIII, e parte da política

portuguesa constava do envio de homens ilustrados em missões científicas. Entre esses enviados foram observados médicos e naturalistas como o Alexandre Rodrigues Ferreira, José Elói Ottoni, Azeredo Coutinho, José Bonifácio e o próprio José Pinto de Azeredo, entre muitos outros.

A falta de homens letrados estimulava que esses homens saíssem dos gabinetes de estudos e se colocassem em funções administrativas. (DIAS, 2005, p. 61,74,75,90,100). Os saberes circulantes e cooptados por esses homens estavam influenciados por uma renovação cultural iluminista de caráter prático. Dessa maneira, emitia-se para Lisboa descrições com amostras de produtos de várias partes do império, que iriam ser inventariados, catalogados e classificados para reconhecer as suas utilidades e desenvolver o Reino em diferentes aspectos, como na manufatura, indústria, agricultura e no romper o obstáculo da doença. Sendo assim, as informações de Azeredo e outros atores históricos eram dirigidos para Secretaria de Estado da Marinha e Negócios Ultramarinos. E foi nesse contexto de obter-se urgência com relação às informações do ultramar, que foram ensaiadas aulas de medicina e anatomia em possessões ultramarinas como em São Paulo de Assunção de Luanda, em 1791, e em Goa, Índia portuguesa (Santos Filho, 1977, p. 288).

A atuação de Azeredo, na referida escola médica, pode ser observada segundo a carta de Manoel de Almeida Vasconcelos, governador de Angola em 1792, enviada ao Rei de Portugal por meio do Real Conselho Ultramarino. Segundo o documento, o físico-mor José Pinto de Azeredo encontrava-se em Luanda atuando em seus deveres, e acrescenta que ainda havia a necessidade de professor de cirurgia na região, por causa da grande demanda em relação às doenças. De acordo com Vasconcelos:

“... A informação que vossa majestade me manda dar sobre o requerimento de médico para esta capitania, não tem lugar, pois que vossa majestade se dignou mandar um físico-mor, que se acha exercitando os seus deveres, e presentemente há mais dois, um que não obstante a sua idade descrita, ainda usa da profissão e outro que aqui se acha degredado [...] sentido-se porem maior falta na cirurgia, por não haver senão um professor, fazendo as moléstias pertencentes a esta arte, ainda maior consideração, neste pestífero país...” (VASCONCELOS, 1792, p.57 verso).

Considerações finais

A nível de conclusão, identificamos que José Pinto de Azeredo produziu saberes em língua portuguesa que foram reelaborados e circularam entre os três continentes,

vijando na rede de conhecimentos montada pelo império ultramarino português ao final do século XVIII e princípios do século XIX. As informações e saberes por ele produzidos ajudaram a alimentar o projeto político administrativo português, que abarcava uma ciência pragmática, onde os saberes de cura também estavam na agenda do governo imperial português. Em uma conjuntura ilustrada que promoveu reformas na Universidade de Coimbra e atingiu a ciência médica, foi possível observar a construção de Escolas Médicas em regiões de cunho estratégico, geopolítico, de intensa circulação de pessoas, mercadorias, atividade política e econômica e intensas trocas culturais.

Nesses locais, e segundo a perspectiva da História das Ciências Global e Transcontinental, produzia-se ciência. Destaca-se a Primeira Escola Médica de Luanda de 1791, local onde José Pinto de Azeredo atuou como professor, com a incumbência de cuidar das tropas, da população e lecionar aulas de medicina. Como criar instituições fazia parte do projeto ilustrado de rede de informações, também foram erguidas posteriormente outras escolas médicas como a de Moçambique e a de Goa, das quais pressupõe-se fazerem parte da mencionada rede e que pretende-se avançar os estudos ao longo do andamento da tese.⁴

Diante dessa análise, é imprescindível destacar o arcabouço teórico e a contribuição dos Estudos-Pós Coloniais, que permitiu perceber que a ciência moderna fosse entendida por meio de uma reconfiguração de conhecimentos, possibilitando uma nova análise, que passou a visualizar a produção da ciência fora da Europa. Tal reconfiguração de conhecimentos poderia se dar pelos impactos locais, que os novos saberes introduzidos nas possessões coloniais recebiam. Esses choques permitiam a produção de novos conhecimentos que passavam a circular na rede de informações, conforme a percepção de utilidade por parte de impérios do Ultramar, como Portugal.

Com o avançar das investigações e evolução de minha tese, em andamento, “*A 1ª Escola Médica de Angola e a rede de conhecimentos úteis do projeto Ultramarino português: Séculos XVIII e XIX*”, da qual inspirou este artigo, podemos ousar na assertiva de que muito da trajetória desses homens de letras ilustrados a serviço da rede de informações do Império ultramarino português, no conjunto de suas experiências em diversas localidades, suas produções científicas e das informações que fizeram circular, contribuíram para a formulação de um Alvará Real em 1805, que ordenava a criação de um novo regulamento para Hospitais Militares, nos moldes da ilustração abarcando hospitais fixos e não apenas os de campanha.

Referências:

ABREU, Jean Luis Neves. José Pinto Azeredo e as enfermidades de Angola: Saber médico e experiências coloniais nas últimas décadas do século do século XVIII. *Revista História*. São Paulo, n.166, Jan/Jun, 2012, p. 163-183.

_____. O saber médico e as experiências coloniais nos Ensaio sobre algumas enfermidades de Angola. In: OLIVEIRA, Antônio Braz de et al. (org.). *Ensaio sobre algumas enfermidades de Angola*. Lisboa, Portugal: Edições Colibri, 2013, p. 188-211.

AZEREDO, José Pinto de. *Ensaio sobre algumas enfermidades D'Angola*, 1799. Lisboa: Régia Oficina de Tipografia. *Biblioteca Nacional* (RJ).

_____. *Textos de química e botânica*, [c a.1801]. Códice 8484. Disponível em: <http://purl.pt/index/geral/aut/pt/152878.html> . Acessado em 4 ago.2016.

BASTOS, Cristiana. “Corpos, climas, ares e lugares: autores e anônimos nas ciências da Colonização”. In: BASTOS, Cristiana Bastos; et al. (Orgs.). *Circulação do conhecimento: medicina, redes e impérios*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2013. p. 25-57.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Aspectos da ilustração no Brasil. In: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005, p. 39 -126.

DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no império português em finais dos setecentos. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.8, Supl. 2001. p. 823-838.

FAN, Fa-ti. The global turn in the History of science. *East Asian Science, technology and society: An international Journal*, February, nº6, 2012, p.249-258.

FERREIRA, Roquinaldo. Biografia, mobilidade e cultura Atlântica: a micro-escala do tráfico de escravos em Benguela, séculos XVIII e XIX. *Tempo UFF*, nº20, p.34, 36, 41,52 e 58.

IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à historiografia. *História da historiografia*, nº4, mar. 2010. p.105-124

KURY, Lorelai. Plantas sem fronteiras: jardins, livros e viagens, séculos XVIII- XIX. In: KURY, Lorelai (Org.). *Usos e circulação de plantas no Brasil, séculos XVI- XIX*. Rio de Janeiro, Editora: Andrea Jacobsson, 2013. p. 230-291.

MELO, Miguel Antônio de. *Ofícios enviados por Miguel Antônio de Melo, governador do reino de Angola, a Rodrigo de Sousa Coutinho, Secretário de Estado*. 1797-1799. Códice 5 -A-1-5 (códice completo). (Arquivo Nacional Histórico de Angola) 467 fotogramas PADAB DVD 13,43, p. 230.

PATINIOTIS, Manolis. Between the local and the global: History of science in the European periphery meets post –colonial studies. *Centaurus*, v.55, 2013. p.361-384.

PIMENTA, Tânia Salgado. *A arte de curar: um estudo a partir dos documentos da Fisicatura Mor no Brasil do começo do XIX*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, Campinas, 1997, p.66, 84,114,125.

RAJ, Kapil. Introduction. In: RAJ, Kapil. *Relocating modern science: circulation and construction of knowledge in South Ásia and Europe, 1650-1900*, London: Palgrave Macmillan, 2007, p. 1-26.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. V.1 V.2, São Paulo: Hucitec, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977 e 1991.

SIVASUNDARAM, Sujit. Science and the global: on methods, questions, and theory. *History of science Society. ISIS*, vol. 101, nº1, Março 2010, p. 146-158.

VASCONCELOS, Manoel de Almeida. *Livro de cartas de ofício enviadas para a Corte por Manuel de Almeida e Vasconcelos, governador e capitão general do reino de Angola e suas conquistas*. São Paulo de Assunção de Luanda. 1790 – 1797. Códice 4-A-1-4 (Arquivo Nacional Histórico de Angola) 457 fotogramas PADAB DVD11, 28, p. 57 verso.

WALTER, Jaime. *Um português carioca professor da primeira escola médica de Angola 1791*. Lisboa: Junta de investigação do Ultramar, 1970.

¹ BASALLA, George. The spread of western science. A three - stage model describes the introduction of modern science into any non - European nation. *Science*, v.156, may 5,1967. pp.611-622. No esquema de Basalla a tecnologia das sociedades coloniais passava por um status subalterno, era reduzida a um arquivo bruto em seu primeiro estágio. No segundo estágio essa tecnologia era marcada pela dependência local da vida científica e no terceiro estágio existiria uma aceitação geral dos métodos e valores da ciência moderna e tecnologia do ocidente.

² PIMENTA, Tânia Salgado. “Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX”. In: CHALHOUB, Sidney et al. (Orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas SP: Editora Unicamp, 2003, p. 308. Segundo Pimenta, a Fisicatura era um órgão que se centralizava em dois cargos, o de físico-mor e o de cirurgião mor, entre os quais eram divididas as práticas médicas. O físico-mor era responsável pela prescrição e fabricação de remédios e o cirurgião-mor fazia as intervenções cirúrgicas. Por meio de devassas no Reino e no Império Ultramarino Português, os delegados e subdelegados do físico-mor e /ou cirurgião, unindo-se a outros oficiais averiguavam se o regimento da instituição FISCATURA estava sendo respeitado. O regimento levado em consideração estava relacionado à verificação das licenças ou cartas que autorizassem as práticas dos terapeutas.

³ MARQUES, Vera Regina Beltrão. “Medicinas secretas: magia e ciência no Brasil setecentista”. In: CHALHOUB, Sidney et al. (Orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003. pp. 163- 169. Essas fórmulas de segredo não eram feitas nas boticas, em sua maioria. De acordo com a autora, a existência desses produtos nos séculos XVIII e XIX comprovava que a magia alicerçava muito do começo da medicina moderna. A magia, a ciência e a religião estavam presentes apesar dos homens das luzes tentarem apagar o ocultismo nas ciências. Isto porque os enfermos recorriam às medicinas secretas, pouco se importando se eram embuste ou não.

⁴ Agradeço ao Instituto Histórico Geográficos Brasileiro no Rio e Janeiro, pela disponibilidade, dos importantes arquivos do PADAB (Projeto Acervo Digital Angola Brasil), que se encontram digitalizados e de fácil acesso. Acrescento que José Pinto de Azeredo é apenas um dos objetos de pesquisa da tese, que se encontra em andamento, denominada “A 1ª Escola Médica de Angola e a rede de conhecimentos úteis do projeto Ultramarino português: Séculos XVIII e XIX”, sob a orientação da Doutora Tânia Salgado Pimenta do PPGHCS/COC/FIOCRUZ- RJ. Também pretendemos investigar outros atores sociais conectados à rede sociabilidades da dita escola médica, incluindo funcionários, viajantes, mercadores e auxiliares, bem como outras escolas erguidas posteriormente, que tiveram condições de alimentar a citada rede. Como estamos no segundo ano de pesquisa, as ideias do projeto estão passíveis de reformulações, aprofundamento de fontes, aquisição e fichamento de novas bibliografias.